

ESCALA DE AVALIAÇÃO

★★★★..... Ótimo
★★★★..... Bom
★★★..... Regular
★..... Ruim
●..... Péssimo

FOLHA ILUSTRADA

PÁGINA E 1 ★ SÃO PAULO, SÁBADO, 14 DE JUNHO DE 2003

Tel.: 0/xx/11/3224-7842
E-mail: ilustrad@uol.com.br
Fax: 0/xx/11/3224-2284

Serviço de atendimento ao assinante:
Grande São Paulo 0/xx/11/3224-3090
Demais localidades 0800-703-8080



30.mai.2002/Reuters

Filosofia selvagem

Em curso no Rio e livro, antropólogo estende aos índios direitos sobre o pensamento conceitual

RAFAEL CARIELLO
DA REPORTAGEM LOCAL

“A filosofia sempre teve a tradição de convocar selvagens imaginários para suas demonstrações. Está em tempo de usar selvagens reais.”

É isso que o autor da frase, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, 52, vem fazendo todas as manhãs de quarta-feira na Quinta da Boa Vista, no Rio, em seu curso sobre “mito e filosofia”, parte da pós-graduação em antropologia social da UFRJ.

Viveiros de Castro —apresentado por seu mestre e colega Claude Lévi-Strauss como o fundador de “uma nova escola” na antropologia (ler texto ao lado)— propõe que o “pensamento selvagem” não só é tão complexo quanto o da nossa sociedade (como a antropologia já demonstrou) como também é capaz de atingir e colocar em questão uma dimensão que o Ocidente sempre considerou exclusiva sua: a da filosofia.

É de quem, ele diz, lhe deu “régua e compasso” que ele parte: “No [livro] ‘O Pensamento Selvagem’, Lévi-Strauss tem como questão mostrar até que ponto o pensamento dos selvagens é uma espécie de ciência, só que apenas em outro registro”, ele diz.

“Minha questão é ver se o pensamento selvagem não tem outras dimensões que essa comparação termina por obscurecer. Dimensões propriamente filosóficas e dimensões artísticas.”

Os índios seriam então capazes de dar um passo atrás e questionar, conceituar, sua própria visão de mundo. Fazer filosofia, enfim, embora não tenham a disciplina institucionalizada como no Ocidente —seja lá o que isso signifique, acrescenta o antropólogo sempre que diz essa palavra.

O modo exato como o fazem é a questão que traz semanalmente para seus cerca de 15 alunos. Após quatro horas de aula no último dia 4, o antropólogo lança a questão de seu trabalho em curso: “Falta um conceito antropológico de conceito”.

A visão de mundo comum aos povos indígenas das Américas é apresentada pelo professor em seu livro “A Inconstância da Alma Selvagem” (Cosac & Naify).

É como se os índios pensassem o mundo de forma inversa à nossa, se consideradas as concepções de “natureza” e “cultura”. Enquanto o pensamento ocidental teria como chão a idéia de que a natureza é universal e as culturas são particulares (há um só mundo e muitas formas de vivê-lo), para vários povos do continente americano haveria apenas uma cultura, ou um espírito universal, e naturezas particulares dependendo

do ponto de vista do observador.

Homens e animais seriam sempre gente, sujeitos dessa cultura geral. Ou seja, todos os animais, para os índios, experimentam (ou experimentaram) os mesmos hábitos: seu alimento —os vermes da carne podre para os urubus, o sangue para os jaguares— é sempre peixe ou cauí, por exemplo; suas relações de grupo são sempre sociais, com ritos, chefes e regras de casamento.

Não é que verme é “como se fosse” peixe para o urubu; ele é visto de fato como tal.

Uma só maneira de ser sujeito, seres que mudam de natureza dependendo da relação em que estão inseridos. Animais predadores e espíritos, por exemplo, vêm os humanos como “animais-presas”, enquanto a caça vê os humanos como animais predadores ou espíritos. Ao nos verem como não-humanos, os animais vêm e a si mesmos como humanos.

“Essa maneira que eu encontrei de apresentar essas atitudes características da concepção ameríndia do mundo foi imposta pelo vocabulário que nós herdamos da tradição filosófica ocidental”, diz o autor, afirmando que os índios não dispõem de termos imediatamente traduzíveis para as noções de natureza e cultura.

Feita a ressalva, é aqui que entra a provocação do curso, de que os índios são capazes de problemas filosóficos. “Na mitologia indígena e em vários fragmentos de discursos nas etnografias, há formulações quase diretamente glosáveis nesses termos. É preciso tomar cuidado antes de consignar o pensamento indígena à categoria do inconsciente sem mais. Muito do que se passa ali é perfeitamente articulado e claro.”

Afirmando finalmente que a filosofia não é privilégio de gregos ou alemães, o antropólogo completa: “Nada que é implícito permanece implícito para sempre”, e isso para todos os povos.

E como segunda provocação, outro lado da moeda, Viveiros de Castro afirma que as concepções ameríndias podem colocar em questão a própria filosofia institucionalizada.

“O trabalho do antropólogo é tentar reconstituir a imaginação conceitual, no caso indígena, nos termos da nossa imaginação conceitual, porque a gente não tem outros termos. Mas fazê-lo de tal forma que, se bem feito, seja capaz de fazer a nossa imaginação conceitual sair dos trilhos.”

Esse trabalho de descarrilamento, desenvolvimento do curso na UFRJ, sai em livro até o final do ano, até o momento sob o título provisório de “A Desmedida de Todas as Coisas”, também pela Cosac & Naify.

Brasileiro criou ‘escola nova’, diz Lévi-Strauss

DA REPORTAGEM LOCAL

Claude Lévi-Strauss, 94, pai fundador da antropologia estruturalista e provavelmente o mais renomado pensador vivo, aceitou responder por fax a cinco questões da *Folha* sobre o trabalho de Eduardo Viveiros de Castro. Sem se estender nas respostas, terminou por produzir uma espécie de carta de apresentação do antropólogo brasileiro. Nela, diz que Viveiros de Castro é o fundador de uma nova escola de pensamento.

Para o ex-professor da USP (lecionou na então recém-formada Faculdade de Filosofia, durante a década de 30), etnógrafo de índios brasileiros e inspirador ocasional de versos para Caetano Veloso, o pesquisador “elevou a antropologia brasileira ao primeiríssimo patamar mundial”.

Após receber as perguntas, Lévi-Strauss disse que não desejava dizer nada sobre duas delas: “Podem os índios da Amazônia ensinar filosofia aos franceses?” e “Viveiros de Castro ultrapassa a sua teoria?”. Leia a seguir a íntegra da carta do antropólogo francês:

“Eu tenho o pensamento e a obra de Eduardo Viveiros de Castro em alta consideração. Por seus textos e seu ensino, ele elevou a antropologia brasileira ao primeiríssimo patamar mundial. Ele não é apenas um admirável etnógrafo. Ninguém melhor do que ele, entre seus pares, soube formular sobre o pensamento ameríndio teses tão originais e profundas. Viveiros de Castro deu, assim, às pesquisas de campo um alcance filosófico do qual o conjunto das ciências humanas poderá se beneficiar.

Não tenho curiosidade de me indagar se Viveiros de Castro é ou não estruturalista. Ele não pertence a nenhuma escola: ele fundou uma escola nova. Tudo o que posso dizer é que, pessoalmente, senti-me sempre em harmonia intelectual com tudo o que ele escreveu.” (RC)

Colaborou Cíntia Cardoso, da Reportagem Local



Lévi-Strauss, no Brasil, em 1938; à dir., Eduardo Viveiros de Castro



NOVA ESCOLA

yawalapíti durante ritual no Alto Xingu (MT); antropólogo Eduardo Viveiros de Castro diz que os índios conceituam sua própria filosofia

ARTES PLÁSTICAS

Bienal de Veneza aborda conflitos em 50ª edição

PÁG. E12